

SOBRE ACASOS E LAÇOS: LETRAS E EU E NÓS
ON CHANCE AND CONNECTIONS: LETTERS, ME, AND US

DOI: 10.18616/lendu.v8i2.9475

Celdon Fritzen
*celdon@hotmail.com*¹

RESUMO

O texto narra minha trajetória pessoal e profissional no curso de Letras da FUCRI/UNESC, destacando o início como funcionário da biblioteca em 1984 e a posterior atuação como professor a partir dos anos 2000. Enfatizo o papel pioneiro do curso na formação docente na região, especialmente diante da escassez de ensino superior nos anos 1970. Reflito, ainda, sobre o desenvolvimento acadêmico da instituição, o fortalecimento da pesquisa por meio do grupo LITTERA e o impacto transformador do curso na formação de professores e pesquisadores. Por fim, concluo valorizando os reencontros com ex-alunos e o legado contínuo do curso de Letras na região e além.

PALAVRAS-CHAVE: Curso de Letras; Formação Docente; Pesquisa acadêmica.

ABSTRACT

The text narrates my personal and professional trajectory in the Letters course at FUCRI/UNESC, highlighting my beginnings as a library employee in 1984 and my subsequent work as a teacher starting in the 2000s. I emphasize the pioneering role of the course in teacher training in the region, especially given the scarcity of higher education opportunities in the 1970s. I also reflect on the institution's academic development, the strengthening of research through the LITTERA group, and the transformative impact of the course on the formation of teachers and researchers. Finally, I conclude by valuing the reunions with former students and the ongoing legacy of the Letters course in the region and beyond.

KEYWORDS: Undergraduate Letters Program; Sociolinguistics; Academic Research.

Meu primeiro emprego foi na FUCRI, fazendo as contas rapidamente para não consultar a surrada carteira de trabalho, isso foi lá por 1984 (– destino macabramente literário! Sou tentado a pensar quando reli a data...). Por essas mesmas contas de balcão o curso de Letras da FUCRI por aquele momento já possuía cerca de dez anos. Lá pelo início dos anos 2000, quando retornasse para Criciúma novamente, descobriria o contexto do surgimento do curso de

¹ Doutor em Teoria e História Literária pela UNICAMP, professor associado do DLLV da Universidade Federal de Santa Catarina

DOSSIÊ LETRAS 50 ANOS

letras em meio à demanda por formação de professores e a carência de vagas no ensino superior que nem o governo militar, nem a iniciativa privada – muito acanhada ainda naquele tempo por essas paragens – conseguiam suprir. Lá pelos anos 2000 é que entenderia que uma das razões para a criação de uma Fundação Municipal de Ensino em Criciúma era desempenhar uma função de formação e qualificação docente quando muita pouca oferta de cursos superiores havia na região nos anos 1970.

Mas ainda não tinha essa compreensão em meus dezessete anos e, trabalhando na antiga biblioteca da FUCRI, num misto de deslumbramento e timidez, ia conhecendo figuras que por ali apareciam e conversavam pacientemente comigo, descosturando as peles selvagens do menino de periferia que eu vestia junto com o desejo de saber também os segredos daqueles tantos livros que tinha obrigação de recolher e guardar de volta nas prateleiras. Entre essas gentis figuras – muitas das quais depois reencontraria quando por aqui voltasse depois de quase quinze anos – entre essas também estavam já docentes do curso de Letras, alguns que sempre me serão lembrados pela sua grande generosidade e doçura para com o menino que eu não sabia muito bem que era.

Pois se eu não era para mim naquele tempo um menino, hoje sei o quanto era. E nessas coisas de menino, estudar Letras nunca me passava pela cabeça, embora a identidade com a leitura e a escrita que adolescentemente cultivava. Sonhava jornalismo, sonhava estudar na UFSC. Isso, claro, por deslumbre e ausência da compreensão das condições de trabalho do jornalista. Depois, fui percebendo o quanto aquelas condições se tornavam mais precárias à medida que o impresso se desmaterializava em bytes nos anos seguintes, e nos que ainda estou vivendo (Não também que esse mesmo processo de precarização por outras e mesmas razões não viesse a acontecer com o mundo do trabalho em geral como vemos acompanhando). Enfim, acabei entrando em Letras na UFSC imaginando depois transferir para Jornalismo, mas nunca mais consegui abandonar o que seria um estratagema momentâneo.

Por que não fiz Letras na FUCRI? Vários eram os motivos para mim naquele momento. Primeiro, porque aqui não havia jornalismo. Depois, porque uma universidade federal me ofereceria uma formação mais sólida, explicava sábio. Por fim, porque muito queria sair de casa, correr mundo, ser *gauche* por aí... Claro que, ao fim, menino que era, essa última era a principal razão que muitas vezes tinha que ocultar de meus pais e mesmo de mim próprio.

Pois esse correr no mundo depois de Florianópolis me levou para a Universidade de Roraima, depois para a UNICAMP, e me trouxe por acaso e necessidade de volta para cá

DOSSIÊ LETRAS 50 ANOS

nos anos 2000: eu estava terminando o doutorado e carecia de me empregar e fui convidado a lecionar no curso de Letras.

Ora, a FUCRI não era mais FUCRI, havia se tornado UNESC. Melhor ainda, estava em busca de deixar de ser uma Fundação para se tornar uma Universidade. Naquela altura, professores com doutorado eram uma espécie ainda rara, de pouca visibilidade por aqui, desejados por conta da necessidade de atender aos parâmetros exigidos pelo MEC para a manutenção do estatuto de Universidade que a instituição havia conquistado. Era um momento extraordinário, de mudanças nas rotinas acadêmicas com a extensão e a pesquisa se somando às atividades a desenvolver sistematicamente na nova instituição que se erguia.

Lembram-se de quando lhes falei que dizia, empolado, querer fazer Letras na UFSC em busca de uma formação mais sólida? Hoje, olhando para trás, diria que na ocasião de meu retorno, o curso de letras da UNESC estava num momento similar às condições que encontrara na UFSC quando lá estudei no fim da década de 1980: era também um curso cujo corpo docente estava em renovação, com muitos fazendo mestrado ou doutorado, consolidando práticas de pesquisa acadêmica. Pensadas as condições de cada estrutura, longe está isso de ser algo desabonador para o curso de Letras da UNESC, pelo contrário. Antes, essa impressão que me ocorre e que compartilho tem o valor subjetivo de desfazer certas ilusões de vanguarda que alimentava, menino, em relação ao curso de Letras da UFSC, pois seus professores – eu descobriria tempos depois – ainda em boa parte estavam, naquela época, num processo de aquisição de doutoramentos, tal como na UNESC em geral, no início dos anos 2000.

Voltando àquela gesta de construir aqui uma universidade, Letras teve um papel significativo, pois era um dos cursos em que um maior número de mestres e doutores se concentrava. Para além de simples diplomas, o que mais quero frisar é que isso implicava em desdobramentos na pesquisa, fazendo dessa uma prática que se buscava estender aos estudantes do curso, aproveitando-os em projetos de iniciação científica, promovendo suas participações em congressos para divulgação de resultados, criando um ambiente em que não só ensinar-aprender se constituía como eixo do fazer docente-discente.

Lembro ainda que no início dos anos 2000, criávamos o Grupo de Pesquisa Correlações entre Cultura, Processamento e Ensino: a linguagem em foco, cujo nome, pensado desavisadamente para reunir os amplos objetos de interesse de todos os pesquisadores do curso de Letras, foi incapaz de produzir durante anos uma ágil sigla abreviada para ser referido. LITTERA, como sabem, depois veio a ser associado ao nome para superar essa fragilidade do batismo original.

DOSSIÊ LETRAS 50 ANOS

Porém, para além do anedótico, o LITTERA significou um grande salto na história do curso de Letras da UNESC até hoje. Isso porque, no meu modo de ver, a partir dele, mesmo com a rotatividade que no decorrer dos anos vindouros naturalmente viria a ocorrer, discentes e docentes ali se congregaram no intuito de produzir pesquisas diversas na área de Letras, constituindo-se ele depois um espaço formativo de importante relevância, com diversas consequências. Não participei da criação, mas a revista vinculada à área de Letras da UNESC – a LENDU – por exemplo, não menos me parece girar em torno das atividades desenvolvidas por integrantes do LITTERA.

No que se refere ao ensino, se do ponto de vista epistemológico, em consonância aos PCN, foi uma época aquela de substituição do paradigma gramatical de aprendizagem da Língua pelo sociointeracionista, foi também, do ponto de vista da oferta de ensino superior, uma época de atendimento a uma grande demanda reprimida. No curso de Letras, eram duas entradas anuais, turmas com um número expressivo de alunos, oferta de pós-graduação em nível de especialização. No auge, chegamos a atender uma demanda pelo curso de Letras feita pela FEBAVE, hoje Centro Universitário Barriga Verde, UNIBAVE, em Orleans. Falo isso também porque, em muitas conversas que tínhamos, esse cenário era previsto se desfazer. Fim da demanda reprimida por acesso ao ensino superior, diminuição da média de filhos nas famílias, concorrência autofágica das integrantes da ACAFE e a chegada dos novos conglomerados privados de educação eram eventos que vislumbrávamos afetar a segurança daquela situação de modo geral, e das licenciaturas em particular. Bem, não éramos infalíveis oráculos e não previmos que até as engenharias seriam também atingidas, fora a pandemia...

São outros tempos estes, com novas batalhas e horizontes. Também são nestes tempos, passados cerca de quinze anos que deixei de trabalhar junto ao curso de Letras da UNESC, são nestes tempos que cabe me referir a uma grande alegria que essa história ali urdida me dá. Trata-se do que me acontece ao reencontrar alunos ou orientandos antes, professores e/ou pesquisadores hoje. Vê-los atuando em colégios e escolas, na UFSC comigo, em outras instituições de ensino superior, escolas técnicas, vê-los também deixando de ser meninos e meninas que eram em grande parte para mim, assumindo agora eles essa tarefa docente, é algo de extrema gratificação, talvez a maior nesse ofício. Espriam-se eles e elas por aí, vindos do curso de Letras da UNESC, também correndo mundo como eu, menino, corri. Longa vida a esses reencontros!

A respeito desses reencontros, quero terminar essas memórias, abordando um muito particular vivido na última vez em que estive na UNESC para uma fala dirigida aos alunos do

DOSSIÊ LETRAS 50 ANOS

curso de Letras, neste ano. Enquanto solitariamente caminhava em direção ao antigo bloco onde seria o evento, parte do primeiro complexo construído para abrigar a FUCRI nos anos 1970, percebi que pisava naquelas mesmas lajotas desgastadas que eu percorria saindo do bloco da Pós-Graduação em Educação na direção das mesmas salas de aula, no início da noite, nos anos 2000. Pisava sob a mesma luz de anoitecer que me acompanhava quando me dirigia ao encontro das turmas de Letras para trabalhar. Não pensei nisso na hora, pois só o instante que parece se repetir confundindo o passado com o presente pareceu merecer atenção. Depois, considerei que ao pisar naquelas velhas lajotas sob a luz artificial esmaecida das luminárias, repisava também a minha vida que ali, desde menino, em torno daqueles blocos, sobre aquelas lajotas, como lhes disse, veio se fazendo ao acaso de minhas vontades.

Mas reparando melhor, para além de mim (– penso compreender!), pisava nas mesmas lajotas que trabalhadores anônimos haviam ali calcado quando erguidos os primeiros prédios da sede própria da FUCRI. Caminhava pelas lajotas antigas, por entre blocos de salas de aula já erguidos há mais de 50 anos; porém, caminhava para realizar um trabalho tão fugidio e precário, de muito menor resistência aparente que aquelas lajotas, aqueles blocos erguidos, um trabalho sumamente feito de palavras, sem peso e presença. Não acho que nosso trabalho seja possível sem essa pedra erguida e que nos abriga do sol e da chuva e do frio quando o fazemos. Por isso, só posso desejar que possam ter essas Letras da FUCRI/UNESC, com as quais minha vida se entrelaçou sem eu o conceber, só posso desejar que elas possam continuar se entrelaçando com muitos outros ainda por vir, tal como o trabalho daqueles que calcaram no chão a pedra que pisamos e ergueram sob o céu o prédio que nos abriga, tal como conosco esse trabalho anterior, hoje, se entrelaça.